

A invenção da ficção

The invention of fiction

JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA*

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Porto Alegre – RS – Brasil

Uma segunda-feira, resignada e feliz, como os demais dias da semana, por ser o dia que ela era, de repente, sentiu vontade de ser um sábado. Mas, entre seu desejo e a efetiva realização, havia a Suprema Ordem das coisas – e, desde o nascimento do tempo, por determinação da Suprema Ordem, nenhum dia jamais havia trocado de posição com outro no decurso das semanas. A segunda-feira se mostrou contrariada com seu destino e desafiou a lei, mantendo-se rígida e imóvel – impedindo, assim, que as horas passassem por ela, embora o tempo estivesse a se mover normalmente. Se persistisse em sua imobilidade, o ritmo natural da semana se romperia – pela primeira vez. A Suprema Ordem, avessa a mudanças em seus circuitos, foi obrigada a sair de sua imperturbável condição para solucionar o caso. Diante da Suprema Ordem, a segunda-feira reafirmou seu sonho de ser um sábado. E explicou seus motivos: as segundas surpreendiam as pessoas sempre

aborrecidas, por ser o início da semana, e era penoso vê-las atravessarem o dia no trabalho, de mau humor, fosse inverno ou verão. Já aos sábados, as pessoas chegavam descontraídas, quando então viajavam e se entregavam alegremente ao ócio e à diversão. A Suprema Ordem explicou à segunda-feira que não podia atender seu pedido, se a deslocasse para o lugar do sábado, o sábado teria de ocupar imediatamente a posição dela, o que resultaria numa semana com dois sábados, um a iniciá-la e outro a fechá-la. Além do mais, cada dia tinha sua função e, para o bem das coisas, devia cumpri-la plenamente, sob pena de levar o mundo à ruína. A segunda-feira afirmou que era uma injustiça para com todas as segundas-feiras (passadas e vindouras) que nenhuma delas pudesse ser, por um único dia, o sábado. E argumentou que, se a Suprema Ordem era incapaz de permitir mudanças e mostrar que, de fato, era Suprema, restabelecendo com seus poderes, em seguida, a Ordem, não

* Doutor (2003) e mestre (1999) em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da USP, onde é professor. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM-SP, com pós-doutorado (2014) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Autor, entre outras obras, de *Redação publicitária – A retórica do consumo* (Saraiva, 2003), *Do caos à criação publicitária* (Saraiva, 2008) e *Estratégias criativas da publicidade – Consumo e narrativa publicitária* (Estação das Letras e Cores, 2014). <jcarrascoza@espm.br>.

merecia esse título. Desafiada, a Suprema Ordem disse, em resposta, à segunda-feira: vou então realizar seu desejo, tornando-o possível num mundo no qual o domingo pode também ser quinta-feira, a terça-feira pode trocar o dia com a sexta-feira, e aos dias da semana, bem como às pessoas,

tudo será permitido, menos uma coisa. A segunda-feira perguntou: menos o quê? A Suprema Ordem respondeu: menos aceitar esse mundo como ele é. E, assim, criou a Ficção.

Recebido: 18 de agosto de 2016.
Aceite: 23 de setembro de 2016.